

Resistências contrárias: uma análise dos movimentos femininos de Belo Horizonte no ano de 1964*

Débora Raiza Carolina Rocha Silva
Especialista em História e Culturas Políticas
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
raiza.rocha@hotmail.com

RESUMO: O artigo busca analisar os movimentos femininos de esquerda e de direita, ocorridos em Belo Horizonte no ano de 1964. Busca-se investigar como foi a atuação das mulheres nesses movimentos, quais foram as suas influências, e qual o resultado das suas lutas. São apontados temas inerentes à participação feminina, entendendo que as mesmas alcançaram papel de ampla relevância no cenário político do Brasil de formas distintas. Aborda-se a relação das mulheres com os antecedentes do golpe de 1964, e com sua implantação, analisando a atuação da Liga da Mulher Democrata (LIMDE), organização feminina de direita de Minas Gerais, estabelecida em Belo Horizonte, e também das organizações de esquerda, nas quais as mulheres lutaram contra a ditadura militar. Neste sentido, nota-se que em Belo Horizonte houve mulheres que romperam com o papel de dona de casa que lhes era atribuído e mulheres que se utilizaram dessa denominação para sustentar sua luta.

PALAVRAS-CHAVE: Golpe, Mulheres, Resistência.

ABSTRACT: This paper analyzes the women's movements of the left and right, which took place in Belo Horizonte in 1964. The investigation seeks to ascertain how the performance of women was in these movements, what their influences were, and what the outcome of their struggles was. Issues concerning the female participation are analyzed, understanding that they reached the same broad significance in the political landscape of Brazil in different ways. The article aims to address the relationship between women and the history of the 1964 coup, and its establishment. It examines the work of the Women's Democratic League (LIMDE), a right-wing women's organization of Minas Gerais, founded in Belo Horizonte, and also the left-wing organizations in which women took up arms and fought actively against the deployment of the military dictatorship. In this regard, we note that in Belo Horizonte there were women who left the role of "housewife", which they were assigned, and women who used this term to sustain their struggle.

KEYWORDS: Coup. Women. Resistance.

Introdução

Os estudos sobre a legitimação do golpe civil-militar¹ têm se apresentado como forma de compreender os eventos ocorridos durante o ano de 1964. É a partir de meados dos anos

* Este artigo foi escrito como trabalho de conclusão de curso, sob a orientação da Professora Doutora Marcelina das Graças de Almeida.

80 do século XX, com o início da redemocratização da política brasileira, que a historiografia brasileira começa a produzir documentos que recuperam a memória deste período. A busca por fontes bibliográficas faz com que se perceba que ainda existem lacunas na produção dos estudos sobre a trajetória das mulheres desta época, especificadamente em Belo Horizonte. Pois a maior parte das pesquisas sobre o episódio refere-se à sociedade civil como um todo, em detrimento da militância feminina de esquerda e direita em âmbitos regionais.

No entanto, na contramão do esquecimento, esta pesquisa contribui para o esclarecimento da população, incluindo as mulheres como objeto de estudo e sujeitos da história. Busca-se compreender a dicotomia existente na militância feminina em Belo Horizonte e como a atuação destes grupos modificou os rumos políticos do Brasil.

Assim, pretende-se analisar a atuação militante feminina na capital mineira no ano de 1964, entendendo a mulher como agente legítima na execução das ações políticas da esquerda de inspiração armada e de direita.

Deste modo, pretende-se considerar as diferentes concepções existentes entre homens e mulheres, e entre as próprias mulheres, entendendo que as relações de poder vivenciadas nas particularidades de cada uma influenciaram suas ações. A investigação parte do pressuposto de que as mulheres de ambas ideologias estavam sob ideais estrangeiros, principalmente dos vindos de Cuba, com a revolução. A experiência revolucionária cubana influenciou as organizações de esquerda brasileira no sentido de resistência a um governo autoritário². Já para a direita anticomunista, a revolução representava uma “onda vermelha” que traria subversão para o Brasil; assim, a influência veio da ala conservadora da direita cubana³. Além disto, as agitações militantes existentes em grande parte do território brasileiro começaram a estabelecer laços que fortaleciam sua luta, recebendo também influência nacional.

Referindo-se aos movimentos de direita, entre os anos de 1962 a 1964, foram fundadas: a Liga da Mulher Democrata (LIMDE – Minas Gerais), a União Católica Feminina

¹ Aqui será utilizado o conceito de golpe civil-militar, entendendo, a partir do estudo de René Armand Dreifuss, que a sociedade civil atuou de forma a organizar e legitimar o golpe de abril de 1964. DREIFUSS, René Armand. *1964: a conquista do Estado. Ação Política, Poder e Golpe de Classe*. Petrópolis: Vozes, 1981.

² SALES, Jean Rodrigues. A Ação Libertadora Nacional, a revolução cubana e a luta armada no Brasil. *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, n. 14, p. 199-217, 2009.

³ O IPES - “Novos Inconfidentes”, financiou a vinda à Belo Horizonte de Nélide Garmendia, uma professora cubana exilada por ser contra o comunismo, que falou às mulheres conservadoras, segundo sua visão, sobre a perversidade do Comunismo. Acentuando ainda mais o sentimento anticomunista das mulheres da Liga da Mulher Democrata (LIMDE). STARLING, Heloisa Maria Murgel. *Os senhores das gerais: os novos inconfidentes e o golpe de 1964*. Petrópolis: Vozes, 1986. p.175.

(UFC - São Paulo), a Campanha da Mulher pela Democracia (CAMDE – Guanabara(Rio de Janeiro), o Movimento de Arregimentação Feminina (MAF – São Paulo), a Ação Democrática Feminina Gaúcha (ADFG – Rio Grande do Sul) e a Cruzada Democrática Feminina (CDF-Pernambuco)⁴.

No campo de oposição, encontram-se mulheres envolvidas em diversas organizações de esquerda clandestinas, fossem elas urbanas, rurais, de luta armada ou não⁵. Os grupos com maior presença feminina eram a ALA (Ala Vermelha do Partido Comunista Brasileiro), ALN (Ação Libertadora Nacional), AP (Ação Popular), CORRENTE (Corrente Revolucionária de Minas Gerais), MR-8 (Movimento Revolucionário 8 de outubro), PCB (Partido Comunista Brasileiro), PC do B (Partido Comunista do Brasil), PCB (Partido Comunista Brasileiro Revolucionário), PCR (Partido Comunista Revolucionário), POC (Partido Operário Comunista), POLOP (Organização Política Marxista — “Política Operária”), RAN (Resistência Armada Nacionalista), e as Pastorais Sociais, JUC (Junta Universitária Católica) JOC (Junta Operária Católica) , JEC (Junta Estudantil Católica) , entre outras. (RIDENTI, 1990).

A partir desta análise, percebe-se que os movimentos femininos contra e a favor da ditadura não aconteceram isolados, sem fazer parte de um contexto nacional. Em decorrência disto, estabelece-se aqui, laços que vinculam o imaginário e as ações das mulheres belorizontinas aos das militantes do restante do país.

Por conseguinte, verifica-se em Belo Horizonte, ampla resistência política feminina, que se deu a partir de posicionamentos contrários. De um lado atuavam as mulheres conservadoras, tradicionais, a favor da família e da Igreja Católica, que eram contra o comunismo e que apoiavam a ditadura militar. Em contrapartida, vê-se que na capital mineira houve mulheres filiadas a organizações comunistas, que lutaram para que a ditadura não fosse implantada, e que mesmo após sua implantação, continuaram resistindo.

Assim, pretende-se apurar dados a respeito dos movimentos ativistas femininos belorizontinos surgidos antes e logo após o golpe, com o intuito de complementar as pesquisas existentes no que se refere aos estudos de gênero feminino na capital mineira. O

⁴ SIMÕES, Solange de Deus. *Deus, pátria e família: As mulheres no golpe de 1964*. Petrópolis: Vozes, 1985.

⁵ RIDENTI, Marcelo Siqueira. *As mulheres na política brasileira: os anos de chumbo*. Tempo Social; Rev. Social, USP, S.Paulo, 2(2): 113-128, 2.sem. 1990.

objetivo é analisar a militância, por meio de documentos do arquivo Público Mineiro e da cidade de Belo Horizonte e de bibliografias específicas.

A partir destas análises, a pesquisa concentra-se em identificar quais foram os movimentos femininos ocorridos, considerar suas motivações e objetivos, e desta forma verificar qual sua forma de ação, que relevância tiveram na sociedade civil e política no ano de 1964 em Belo Horizonte e por consequência no país.

O Golpe de 1964 e suas interpretações

O golpe civil-militar passou a ser estudado a partir do final dos anos 1960, e a partir daí se construíram várias interpretações para analisar o episódio. Lucília de Almeida Neves Delgado (2004) aponta, no texto "1964: temporalidade e interpretações"⁶, que existem várias formas de interpretar o golpe civil militar de 1964 e divide essas produções em quatro versões. Segundo Delgado (2004), as primeiras pesquisas possuíam um caráter estruturalista e funcional, focando a história de longa duração, fazendo relação com fatos que não eram o foco da época.

Neste sentido, encontram-se obras publicadas por cientistas sociais como Otávio Ianni (1968), autor de *O colapso do populismo no Brasil*, que afirma que o golpe se deu pela conjuntura estrutural entre o padrão agroexportador e o modelo nacionalista associado ao capital estrangeiro. Nesta mesma linha, o estudo do sociólogo Fernando Henrique Cardoso (1973), no livro *Modelo político Brasileiro*, apresenta uma concepção determinista, dizendo que a economia de um país depende de um governo dominador, que controle as camadas populares e obtenha um acúmulo de capital estruturado.

Percebe-se que as interpretações estruturalistas identificam o processo de deposição do governo de João Goulart (1919-1976), a partir do ponto de vista de que o tardio processo de industrialização do Brasil que demandava um governo autoritário; a incoerência existente entre o molde de desenvolvimento nacionalista e agroexportador foram fatores essenciais e únicos para determinar o golpe de 64. De acordo com Jorge Ferreira⁷, a perspectiva estruturalista é

⁶ Delgado, Lucília de Almeida Neves. *1964: temporalidade e interpretações*. In: REIS, Daniel Arão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *O golpe e a ditadura militar 40 anos depois (1964-2004)*. São Paulo: Edusc, 2004, p.15-26.

⁷ FERREIRA, Jorge. O governo João Goulart e golpe civil militar de 1964. In: FERREIRA, Jorge. Delgado, Lucília de Almeida Neves (Org.). *O Brasil republicano. O tempo da experiência democrática – da democratização de*

determinada pela questão econômica, tornando o golpe inevitável. Ferreira afirma que esta linha de pensamento já está superada e que, portanto, a sociedade e as ações políticas devem ser analisadas para um novo entendimento do golpe civil militar.

No início dos anos 80 do século XX, começaram a ser produzidos novos estudos referentes ao golpe, surgindo a interpretação que privilegia a atuação da sociedade civil e militar no sentido de que os mesmos praticaram uma intervenção preventiva para impedir que houvesse mudanças nos sistemas político e econômico do Brasil.

Adotando esses conceitos, o sociólogo Florestan Fernandes escreveu o livro *Brasil em compasso de espera*, em 1981 e *O significado da ditadura militar*, em 1997. O autor afirma que a falta de habilidade de João Goulart em governar, aliada a ação dos militares golpistas, que agiram com uma ação preventiva de um golpe de estado que hipoteticamente aconteceria, foram responsáveis pelo episódio. Neste sentido, afirma que a “revolução” dos militares só foi possível devido à passividade do governo de Jango, que não agiu com competência para concretizar o que o autor chamou de “contra-revolução”.

Já o historiador Caio Navarro de Toledo, que produziu em 1981 *O governo João Goulart e o golpe de 1964* e, em 1997, *A Democracia populista golpeada*, afirma que o golpe foi resultado de diversos fatores, tais como a crise econômica, o levante em massa das camadas populares, a agitação dos trabalhadores da área urbana e rural e conflitos existentes entre partidos e classes sociais. Toledo considera ainda, que o governo Goulart esteve a todo o momento ameaçado por um golpe, pois o mesmo não conseguiu manter um equilíbrio entre as classes populares e a classe dominante.

No ano de 1989, Lucília de Almeida Neves Delgado escreveu a obra: *O PTB: do getulismo ao reformismo – 1945-1964* e, em 1997, *Trabalhadores na crise do populismo: utopia e reformismo*. Nos textos, a autora discute que ação preventiva do golpe se deu a partir da forte pressão da elite tradicional, que se organizou de forma a conseguir efetivar o golpe. Segundo a autora, a administração de Jango estava sujeita a três oposições: os conservadores (PSD, latifundiários, militares de direita, igreja, empresários), o lado que ansiava pelas reformas de base garantidas por João Goulart, essencialmente o PDT, e os sindicalistas e representantes dos movimentos populares.

1945 ao golpe civil militar de 1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.v.3.

Neste sentido, Delgado afirma que a parte contrária às reformas de base estava insatisfeita com a atuação do presidente, que não demonstrava competência, pulso firme e apresentava certa ligação com os movimentos populares que estavam fazendo pressão para implantação das reformas. Portanto, a possibilidade de ascensão dos grupos socialistas, reformistas e nacionalistas incitava na ala dominante a necessidade de tomar uma atitude preventiva, no sentido de “proteger” o Brasil da “ameaça socialista”.

No entanto, a historiografia mais recente, de meados dos anos 1990 e anos 2000, vem decifrando o golpe a partir do pré-64, entendendo que a cultura política da época desvalorizou e não manteve compromisso com a democracia.

Para compreensão deste pensamento, o historiador Jorge Ferreira e a cientista política Argelina Figueiredo escreveram, respectivamente, *O governo João Goulart e o golpe civil militar de 1964*, publicado em 2003, e *Democracia ou reformas? Alternativas democráticas à crise política – 1961-1964*, de 1993.

Figueiredo e Ferreira afirmam que a luta acirrada de ideais políticos contra e a favor das reformas pretendidas por Jango, foram responsáveis por exterminar a recente democracia brasileira. Ambos concordam que a cultura democrática do Brasil não foi pensada pelas organizações de direita nem de esquerda, e que a intransigência política foi a grande responsável pelo golpe.

No período em que João Goulart assumiu a presidência, o Brasil estava sob um governo parlamentarista, que havia sido instaurado sem o cuidado necessário. Ferreira lista em seu livro que organizações radicais deste momento, como o Partido Comunista Brasileiro (PCB), União Nacional dos Estudantes (UNE), as Ligas Camponesas, o Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), Ação Popular (AP), Frente de Mobilização Popular (FMP), o Partido Operário Revolucionário (Trotskista) – (POR-T), Organização Revolucionária Marxista juntamente com o jornal Política Operária (ORM – POLOP) e inclusive oficiais subordinados das forças armadas, desde o final da década de 50 do século XX estavam em efervescência.

Neste sentido, no pré-64, as esquerdas começaram a se unir, se fortaleceram como movimentos radicalistas de esquerda, e espelhados na figura de Leonel Brizola (1922-2004) se constituíram em uma frente organizada para pressionar a implantação das reformas.

Entretanto, o governo ainda não havia se posicionado, e a radicalização passou a exigir que as mudanças nas bases do país fossem efetivadas sem demora. Nesta conjuntura, meados

de 1962, a prioridade de Jango era recuperar seus poderes como presidente, o que causou irritação nos ânimos das esquerdas radicalistas e da direita conservadora.

Goulart retoma o presidencialismo no Brasil através de um plebiscito. Porém, o mesmo começa a sofrer os confrontos e conflitos, via de regra, existentes dentro da contraposição política. Deste modo, é possível identificar nas investigações a respeito da tomada do poder pelos militares, a versão que especifica a conspiração interna e externa como elemento propiciador do golpe⁸. Dentre os setores envolvidos na conspiração interna, verificam-se os militares anticomunistas ligados a Escola Superior de Guerra, o empresariado nacional, latifundiário e a parte conservadora da igreja católica. Na questão externa, observa-se o capital estrangeiro, o Departamento de Estado norte-americano e a CIA (*Central Intelligence Agency*).

Por serem da elite, os segmentos conservadores da sociedade civil tinham ampla condição de sustentar suas organizações com um arcabouço financeiro e ideológico, como jornais, panfletos, cartazes e congressos⁹.

Entre os autores que defendem a ideia da conspiração, destaca-se o cientista social René Dreifuss que escreveu o livro *1964: a conquista do Estado*, em 1981. É a partir da sua análise que a sociedade civil é vista como parte fundamental para ocorrência e legitimação do golpe, e é nesta obra que o autor estabelece o conceito de golpe civil-militar. Na visão de Dreifuss, os empresários e latifundiários agiram organizadamente a fim de combater e cessar o governo populista de João Goulart e afastar o operariado do poder público¹⁰.

Neste sentido foram criadas diversas organizações conservadoras para mobilização das massas, com o pensamento de desestabilizar Goulart, pois o mesmo vinha mudando o sentido do governo populista, deixando a classe trabalhadora e partidária se manifestar.

Outra autora que utiliza essa especificidade é a historiadora Heloísa Starling (1986), que focando no Instituto de Pesquisa de Estudos Sociais - Minas Gerais (IPES-MG), na qual a mesma nomeia de “Novos inconfidentes”, trata da atuação da sociedade conservadora mineira e sua importância nos eventos que culminaram no golpe de 64. Starling apresenta como

⁸ STARLING, Heloisa Maria Murgel. *Os senhores das gerais: os novos inconfidentes e o golpe de 1964*, p. 22.

⁹ _____. *Os senhores das gerais: os novos inconfidentes e o golpe de 1964*, p.22.

¹⁰ DREIFUSS, René Armand. *1964: a conquista do Estado. Ação Política, Poder e Golpe de Classe*. Petrópolis: Vozes, 1981.

funcionava a estrutura desta organização que acreditava que o governo Goulart tinha a intenção de desmoralizar a organização existente no Brasil¹¹.

O discurso de Jango no “Comício das Reformas”, feito em 13 de março de 1964 no Rio de Janeiro, incitou parte da população, que compareceu ao evento munida de cartazes e faixas que apoiavam suas reformas. Entretanto, por outro lado, deu-se início às “Marchas da Família com Deus pela Liberdade”, na qual o IPES utilizou ideais tradicionalistas e conservadores para fortalecer a classe dominante e alcançar a classe média.

É a partir deste pensamento que esta pesquisa busca compreender a Liga da Mulher Democrata (LIMDE) como movimento direitista, e as diversas organizações esquerdistas, entendendo que ambas foram de ampla relevância para a legitimação do golpe civil militar e por consequência da instauração de uma ditadura militar no Brasil.

Resistência anticomunista

A herança dos “anos dourados” ainda fazia parte do imaginário social na década de 60 do século XX. As mulheres ocupavam na sociedade o lugar de donas-de-casa, mães, esposas, mantenedoras da ordem e do casamento, não possuíam poderes políticos e estavam condicionadas a um comportamento passivo¹². Em Minas Gerais, percebe-se, mais acentuadamente, que as ações femininas deste período deveriam ser direcionadas ao cuidado da família. À mulher mineira do início da década de 1960, era atribuído o papel de doméstica, responsável por manter a família como cerne da sociedade mineira; e reclusa ao privado, sem a possibilidade de contestar e ser inserida no espaço público.

Assim, como forma de fortalecer a mobilização contra o governo de João Goulart e desestabilizar o movimento comunista, o Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais buscou, através do discurso da “mineiridade”¹³, engajar as mulheres neste processo. Segundo Starling (1986), a “mineiridade” é algo que pensaram dos moradores de Minas, e que acabou por fazer parte do imaginário social, tornando o conjunto de valores dos mineiros um espelho para todo cidadão do Estado.

¹¹ STARLING, Heloisa Maria Murgel. *Os senhores das gerais: os novos inconfidentes e o golpe de 1964*, p. 28.

¹² BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: *História das mulheres no Brasil*. PRIORI, Mary Del (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos) 9. ed. 2º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

¹³ STARLING, Heloisa Maria Murgel. *Os senhores das gerais: os novos inconfidentes e o golpe de 1964*, p. 145.

Para Anthony Giddens (1996), o pensamento conservador corresponde a uma forma de desconfiança com relação a alguma transformação radical na tradição, desejando assim, manter os costumes, o modo de viver em família, e os princípios políticos¹⁴. Esse pensamento representou a atuação das mulheres de direita de Belo Horizonte, que se viam na condição de mantenedoras dos princípios democráticos e da ordem.

O IPES–MG encontrou dificuldade para se estabelecer, e assim aconteceu com a criação do organismo feminino, que foi pensado e desenvolvido quando o instituto se viu preparado e organizado. O grupo se organizou de forma pensada, o IPES arquitetou, norteou e influenciou as ações da organização, utilizando de seu aparelhamento político, ideológico e econômico para financiar e desenvolver o material “didático” anticomunista. Entretanto, o IPES-MG necessitava evidenciar que a formação do grupo era iniciativa própria das mulheres mineiras.

O IPES “Novos Inconfidentes” inicia a aliança das mulheres mineiras, para garantia do equilíbrio entre liberdade e ordem. A priori, o IPES-MG sustentou a ideia de criar em Minas Gerais uma filial da CAMDE, organização existente no Rio de Janeiro desde 1962, apoiada e sustentada pelo IPES-IBAD.

Porém, em 1963, um pequeno grupo de senhoras que ainda não havia se estabelecido como uma organização ensejou um protesto contra a visita do presidente da Iugoslávia ao Brasil. A manifestação não teve tanto impacto, mas para o IPES-MG representou a força mobilizadora que os mesmos necessitavam para alcançar a família dos mineiros e o momento adequado para mostrar a “espontaneidade” das mulheres mineiras.

A partir dessa pretensão, Ana Maria Lopes Bragança (cunhada de José Lopes Bragança e esposa de Elcino Lopes Bragança, membros da direção do IPES-MG) e Lydia Magon Villar (esposa de Aluízio Aragão Villar), foram chamadas pela alta liderança do IPES a criar uma estrutura feminina semelhante à CAMDE e a UCF.

Nesse momento as mulheres belorizontinas, donas-de-casa, mães, avós e filhas, orientadas pelos homens, começaram a se organizar efetivamente com a finalidade de reforçar o tradicionalismo mineiro e combater o comunismo. Starling (1986) faz referência a uma ação espontânea de mulheres conservadoras de Minas, lideradas por Maria Victor Bolívar Moreira,

¹⁴ GIDDENS, Anthony. *Para Além da Esquerda e da Direita*. In: O futuro da política radical. São Paulo: UNESP, 1996.

chamadas de “Cadeia da Família Cívica contra o Marxismo”, que desvinculadas da conjuntura política do IPES-MG, começaram a promover um protesto contra o “comunismo ateu”¹⁵. Os “Novos Inconfidentes” viram nessas mulheres a possibilidade de arregimentar uma maior frente de mobilização e começou a nortear tanto as mulheres que estavam sob sua orientação, quanto a “União da Família Cívica contra o Marxismo”¹⁶ e logo cuidou de vincular essas mulheres à sua organização.

A criação da LIMDE concretizou-se no mesmo mês e começou a atuar em Belo Horizonte com identidade própria, mas de forma semelhante à CAMDE no Rio de Janeiro e a UFC em São Paulo. O organismo foi formado por donas-de-casa da elite e da classe média, esposas de empresários e políticos da direção do IPES-MG, tradicionais, religiosas. Residiam em Belo Horizonte e se reuniam na sede dos “Novos Inconfidentes”, no 11º andar do edifício Acaiaca¹⁷, no centro de Belo Horizonte. Entretanto, se subdividiam nos bairros de classe alta e média, como Floresta, Serra, Carmo, Funcionários, Santo Antônio, Gameleira, Centro, Calafate, Padre Eustáquio, Barroca, Barro Preto e Nova Suíça.

O grupo feminino visava estabelecer a ordem em Minas Gerais, garantindo que a “mineiridade” permanecesse de forma pura e tradicional na vida de todos os cidadãos mineiros. A elite mineira tomou posse deste termo, na tentativa de cumprir a “missão” de fazer desaparecer os conflitos, suprimir a dominação e “ocultar a presença do particular, dando-lhe a aparência do universal.”¹⁸

As mulheres conservadoras transferem seus lares para as ruas de Belo Horizonte com seus discursos “maternais”, gerando no imaginário coletivo da instituição a responsabilidade de conservar a ordem do Estado, juntamente com a Igreja e seus maridos.

A estrutura organizacional da LIMDE era constituída por Presidente, responsável por todas as ações do grupo e por fazer a interlocução com as outras ligas femininas, 1ª vice-

¹⁵ Maria Victor Bolívar Moreira era uma senhora ligada essencialmente ao catolicismo e considerava que o comunismo era uma prática desarraigada dos princípios do cristianismo. STARLING, Heloisa Maria Murgel. *Os senhores das gerais: os novos inconfidentes e o golpe de 1964*, p. 160.

¹⁶ _____. *Os senhores das gerais: os novos inconfidentes e o golpe de 1964*, p.161.

¹⁷ _____. *Os senhores das gerais: os novos inconfidentes e o golpe de 1964*, p. 168.

¹⁸ O movimento feminino tinha como pretensão alcançar todas as camadas da sociedade. Com caráter cívico e democrático, queriam inserir na opinião do povo os pensamentos do grupo. STARLING, Heloisa Maria Murgel. *Os senhores das gerais: os novos inconfidentes e o golpe de 1964*, p.163.

presidente que cuidava da parte financeira e das informações e 2ª vice-presidente, responsável pela alfabetização, enfermagem, catequese, propaganda e relações públicas¹⁹.

A estrutura das ligas femininas do IPES possuía o cargo de assessor, que era ocupado exclusivamente por homens. Entretanto, em Belo Horizonte quem assumiu esse cargo foi Lydia Magon, mostrando outra vez a especificidade existente no movimento feminino da cidade. Observa-se que as mulheres belorizontinas começaram a ocupar cargos pertencentes aos homens. No entanto, essa condição não as caracteriza como insurgentes, mas crentes que estavam contribuindo para a não desmoralização de Minas e do Brasil.

Segundo Janaína Cordeiro²⁰, a inquietação com o futuro das famílias e o medo do comunismo sempre foi a principal preocupação das organizações femininas de direita, não pretendendo em nenhum momento assumir o espaço que era direcionado ao homem.

Solange Simões (1985, p.139) explicita:

[...] aquelas mulheres ao se lançarem na política não rompem com seu papel idealizado de mães e esposas e com modelos idealizados de mulher. Pelo contrário, é através desses ‘atributos’ que se julgam capazes de militar e que dão “autoridade” à sua presença na esfera da política [...] elas se alienavam recriando e reproduzindo uma “imagem mística de mulher.

É importante ressaltar, porém, que as mulheres ansiavam “proteger” o país do comunismo, e é a partir desse desejo que iniciam a junção entre o público e o privado, colocando sua vida, seus filhos e maridos em eventos que deram total legalidade às ações militares.

A Liga da Mulher Democrata necessitava desenvolver de forma mais radical a aversão à “onda vermelha” que chegava ao Brasil e este ódio foi incitado por quem viveu o comunismo. A LIMDE trouxe a professora cubana Nélida Garmendia, presidente do Movimento Feminino contra Fidel Castro, que estava exilada em Miami por ser contra o regime cubano, para realizar um circuito de palestras na capital mineira. A mesma falou sobre fatos contrários ao governo de Fidel Castro, utilizando-se de um discurso fundamentalmente

¹⁹ A Liga da Mulher Democrática utilizou com mais frequência os recursos inerentes à segunda vice-presidência somente após a implantação da ditadura militar. No período que antecede ao golpe essa estrutura servia como ponte que as ligava a instituições beneficentes e a igreja, com o objetivo de disseminar suas ideias. STARLING, Heloisa Maria Murgel. *Os senhores das gerais: os novos inconfidentes e o golpe de 1964*, p.163.

²⁰ CORDEIRO, Janaina Martins. Femininas e formidáveis: o público e o privado na militância política da Campanha da Mulher pela Democracia (CAMDE). *Revista Gênero*. v.8. p. 175-208, 2009.

sentimental que provocava o medo do comunismo e maior aversão a esta forma de governo nas mulheres democratas.

Estas palestras antecederam a atuação das mulheres no Congresso da União dos Trabalhadores da América Latina (CUTAL) programado para acontecer em Belo Horizonte. A LIMDE enviou um documento ao governador de Minas, Magalhães Pinto, informando que caso os agentes envolvidos no evento quisessem se manifestar, esse local não seria a capital mineira. No comunicado, as mulheres informavam que estariam deitadas na pista do aeroporto para que a ameaça comunista não tocasse o solo belorizontino²¹. As mesmas agiram com demasiado radicalismo, cercando os hotéis em que estavam alguns participantes do congresso, mas não precisaram cumprir com o prometido, pois o governador, sabendo que a manifestação seria passível de acontecer, transferiu o congresso para Brasília antes que o mesmo fosse realizado.

De acordo com Starling (1986), nos dias finais do mês de janeiro de 1964, a imprensa mineira divulgou com maior amplitude as manifestações femininas ocorridas em Belo Horizonte contra o comunismo e o governo de João Goulart. Assim, a partir dessa conquista, a direção do IPES-MG viu o momento oportuno para articular outras movimentações, que ocorreriam antes e após golpe.

Depois da modificação do lugar do congresso, a LIMDE se manifestou à distância, enviando à capital do Brasil diversos telegramas, cartas e um abaixo-assinado, impregnados de um anticomunismo exacerbado: ‘Pobre Brasília, berço sem tradição nem mensagem, capital do Brasil, voltada à solidão e ao silêncio! Não tens filhos que gritem um protesto contra a onda vermelha que vai rolar nas tuas ruas largas, vazias e tristes?’²², afirmando que Brasília não tinha voz para defendê-los da “aura demoníaca” que os convidados vindos de países socialistas traziam consigo.

A linha de frente feminina do IPES-MG era formada pela alta classe de Belo Horizonte e com a disseminação das ideais do grupo, alcançavam em massa, as mulheres da classe média.

²¹ STARLING, Heloisa Maria Murgel. *Os senhores das gerais: os novos inconfidentes e o golpe de 1964*, p. 179.

²² Parte do manifesto encaminhado à Brasília pela LIMDE. _____. *Os senhores das gerais: os novos inconfidentes e o golpe de 1964*, p.180.

As mulheres da LIMDE se apresentavam cada vez mais radicais, destemidas e obstinadas a vencer a luta contra o comunismo com suas manifestações de rua. O IPES-MG organizava e orientava as manifestações e com o sucesso das mesmas se fortalecia cada vez mais e conspirava junto aos militares ações que poderiam ser tomadas para que o golpe acontecesse.

Dentre as ações mais radicais destaca-se a ocorrida em 25 de fevereiro de 1964, quando a Frente de Mobilização Popular (FPM), o CGT mineiro, Leonel Brizola e outros grupos de esquerda, programavam a realização de um comício em favor das Reformas de Base. Mais uma vez a Ala conservadora de Belo Horizonte se organizou e, totalmente imbuídas de um sentimento contrário ao que o comício pretendia divulgar, partiu para o ataque. Às 19 horas deste dia, as mulheres tomaram conta do palanque do Minas Centro, empunhadas com seus rosários e terços e seus filhos e netos com armamento encaminhado pelo IPES-MG, lutaram contra a fala de Brizola. A polícia ficou hesitante e quando um dos componentes convidados tentou dar início ao comício, as mulheres começaram a atacá-lo com cadeiras, sombrinhas, verduras e ovos do Mercado Central (localizado em frente ao prédio) e o espaço se tornou um campo de guerra.

De acordo com a entrevista de Ana Maria Bragança cedida à pesquisa do livro de Heloísa Starling, a polícia tentou controlá-las, mas não obteve êxito, o corpo de bombeiros tentou contê-las com jatos de água e também foi inútil. As divergências políticas, agressões físicas e ideológicas duraram até as 23 horas, quando enfim as mulheres se retiraram e Brizola foi embora, sem se pronunciar em favor das Reformas.

Nas ruas de várias partes do Brasil estava acontecendo as organizadas e eficazes “Marchas da Família com Deus pela Liberdade”, estas ocorreram em São Paulo com a UFC e a MAF, no Rio de Janeiro com a CAMDE, Rio Grande do Sul com a ADFG e Pernambuco com a CDF²³.

De acordo com Starling (1986), a marcha de Belo Horizonte ocorrida no dia 13 de maio de 1964²⁴, logo após a deposição de Goulart, foi outra eficiente forma de atuação dessas mulheres. Partindo das escadarias da Igreja São José, em frente à Avenida Afonso Pena, e

²³ CORDEIRO, Janaina Martins. Femininas e formidáveis: o público e o privado na militância política da Campanha da

Mulher pela Democracia (CAMDE). p. 175-208.

²⁴ STARLLING, Heloisa Maria Murgel. *Os senhores das gerais: os novos inconfidentes e o golpe de 1964*. Petrópolis: Vozes, 1986. p.185

seguindo até a Praça 21 de Abril, o evento simbolizou o momento de comemoração da vitória da sociedade civil e dos militares conservadores sobre o comunismo e as Reformas de Base.

Após vitoriosa conquista, a LIMDE começou a apoiar a ditadura militar, funcionando como organismo legitimador do regime que estava sendo implantado no Brasil. As mesmas assumiram o lugar de mantenedoras do golpe, exigindo punições de exemplo aos comunistas e aos que eram contra a então conjuntura política brasileira.

As mulheres de direita de Belo Horizonte haviam cumprido seu dever, de livrar seu Estado e seu país do sistema de oposição. A partir de 18 de junho²⁵, o grupo foi se esfacelando, visto que neste momento, no entendimento dessas mulheres, o Brasil estava “em boas mãos”.

Mulheres em ação: resistência comunista

No prefácio do livro *Brasil: Nunca Mais*, Dom Paulo Evaristo Arns²⁶ escreveu que o ano de 1964 foi marcado pela efervescência das lutas populares que vinham crescendo ao longo dos anos da década de 60 do século XX. Pessoas que eram a favor do governo Goulart, sindicalistas, operários, marxistas, camponeses e estudantes, lutavam pela reforma trabalhista, por terra, pela reorganização da educação, emancipação da economia, controle da inflação, melhoramento dos espaços urbanos e mudanças nos sistemas judiciário, tributário e bancário. Dentre essas reivindicações, eram solicitados ainda, que o PCB saísse da clandestinidade e que o voto fosse permitido a toda população, inclusive aos analfabetos e oficiais subalternos das forças armadas.

No período pré-64, as militâncias de esquerda tinham como ponto central de seus discursos a luta em favor das Reformas de Base, e somente após o golpe civil-militar tomaram a resistência ao novo regime instaurado como foco principal. Em razão disto, nota-se que no início do ano de 1964, as militantes de esquerda de Belo Horizonte lutavam efetivamente pelas reformas na educação, na cultura, nos centros urbanos e rurais e por melhores condições de vida. Após o golpe, a participação feminina na resistência ao militarismo começa a trilhar um novo caminho: o de lutar pela liberdade e, mais tarde, pela emancipação da mulher no espaço público.

Atuavam principalmente nas juntas católicas como a Juventude Estudantil Católica e a

²⁵ _____, *Os senhores das gerais: os novos inconfidentes e o golpe de 1964*, p.195.

²⁶ ARNS, Paulo Evaristo. *Brasil nunca mais*. 4.ed. Petrópolis: Vozes,1985.p.90

Juventude Universitária Católica, em manifestações nas ruas, participando de reuniões, discussões e passeatas, na conscientização trabalhista e política nas fábricas, alfabetizando nas favelas por meio do Movimento de Educação de Base (MEB) e buscando reformas no âmbito cultural e educacional.

Após o Golpe, continuam exercendo essas práticas, mas a luta adquire novo sentido, o de lutar pela liberdade. Assim, diversas mulheres começaram a colaborar apoiando filhos, maridos e amigos, dando abrigo em suas residências e se emudecendo diante das perguntas e torturas dos militares. Para além disso, atuaram na direção de movimentos, faziam parte das ações de segurança, da tesouraria, eram responsáveis pela formação teórica, participavam de pichações durante a madrugada, discursavam em reuniões clandestinas, chegando a ser presas e torturadas.

Neste sentido, observa-se que a capital mineira encontrou em sua população tradicionalista, mulheres que romperam com os conceitos empregados pelas anticomunistas, “Deus, Pátria e Família”, participando maciçamente no movimento estudantil, nos sindicatos e nas organizações.

A participação feminina nos movimentos de contestação diz de um processo de libertação da mulher, se caracterizando em um momento de rompimento com “o estereótipo da mulher restrita ao espaço privado e doméstico, enquanto mãe, esposa, irmã e dona de casa, que vive em função do mundo masculino”.²⁷

No imediato pós-64, algumas organizações de esquerda já estavam estabelecidas: a Ação Popular, surgida no meio estudantil em 1962, a Organização Revolucionária Marxista – Política Operária (ORM-POLOP), resultante da união entre a Juventude Socialista com a Mocidade Trabalhista, em 1961, o Partido Comunista Brasileiro e o Partido Comunista do Brasil.

O sociólogo Marcelo Ridenti (1990), fez um levantamento, a partir de dados do *Projeto Brasil: Nunca Mais*, identificando quantas mulheres foram processadas por terem ligação com movimentos armados de esquerda e apresentou, através de dados estatísticos, o percentual de

²⁷ RIDENTI, Marcelo Siqueira. *As mulheres na política brasileira: os anos de chumbo*. Tempo Social; Ver. Social. USP. S. Paulo. 2(2): 113-128. 2. set. 1990. p.4.

militantes presentes em cada organização²⁸. Nos estudos de Ridenti, as militantes de esquerda operaram em estruturas clandestinas rurais e urbanas, de forma moderada e radical. O autor localizou um total de 660 mulheres, sendo em sua maioria professoras e estudantes, representando um percentual médio de 18%. Apesar de ser pequeno em relação à quantidade de homens que era de 3.464, é importante salientar que este resultado se refere a uma única fonte e se restringe às mulheres que foram processadas pelo governo militar. Ressalta-se que esses números, não reduzem a necessidade de investigá-las, pois analisando e compreendendo o contexto da época, percebe-se que o espaço da mulher em âmbito público e político era limitado e, por vezes, proibido.

A Ação Popular que lutou ativamente pelas Reformas de Base e na luta contra a ditadura, foi uma das organizações mais atuantes em Belo Horizonte e, como diferencial, contou com uma ampla presença de mulheres em seu interior. Ridenti (1990) identificou que a AP foi um dos organismos com maior número de mulheres processadas, 127, em âmbito nacional, representando 27,0% do total de processados.

Nas fontes documentais do DOPS-MG, observa-se que participação feminina em Belo Horizonte na AP foi numerosamente significativa. Como exemplo, tem-se a pasta 0044, rolo 004, com uma relação de integrantes da AP, na qual se encontram relacionados 765 nomes, sendo que 230 são nomes de mulheres, representando 30,2% do total.

Um dos trabalhos que reconstrói essa atuação é o da historiadora Carolina Dellamore (2009)²⁹, que relata a história da militante Gilse Maria Westin Cosenza, nascida em 18 de dezembro de 1943, em Paraguaçu, Minas Gerais. Gilse foi criada em uma tradicional família católica e conservadora do interior mineiro. cursou a chamada Escola Primária em sua cidade e posteriormente estudou internamente em um colégio de freiras só para mulheres em Varginha, até vir para Belo Horizonte fazer o “terceiro grau” no Instituto de Educação de Minas Gerais. A princípio sua militância estava ligada a JEC e, posteriormente, na JUC, desenvolvendo um trabalho de educação, no qual dava aula nas periferias de Belo Horizonte – pois neste período somente a Escola Estadual Central e o Instituto de Educação ofereciam o ensino médio gratuitamente.

²⁸ RIDENTI, Marcelo Siqueira. *As mulheres na política brasileira: os anos de chumbo*. Tempo Social;Ver. Social. USP. S. Paulo.2(2): 113-128.2. sem. 1990. p.4

²⁹ SCARPELLI, Carolina Dellamore Batista. *Marcas da Clandestinidadade: Memórias da ditadura militar brasileira*.263.f. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em História, Rio de Janeiro, 2009, p.72.

Em 1964, Gilse escolheu estudar Serviço Social na UCMG, a fim de permanecer ligada ao trabalho social e humanitário. No dia do Golpe, afirma que saiu da faculdade em direção à Praça Sete, no centro de Belo Horizonte, na intenção de encontrar alguém que a orientasse sobre como agir nesse momento. No entanto, chegando ao local, encontrou militares armados e estudantes perdidos. Nesse exato dia, Gilse se desligou da JUC, afirmando que a estrutura da organização vinculada à Igreja católica não era suficiente para suprir a necessidade de lutar que a mesma ansiava, aliando-se à Ação Popular.

Nas pesquisas feitas nos documentos do grupo Tortura Nunca Mais³⁰, encontrou-se o relato da vida de Inês Etienne Romeu, estudante de História e bancária, que atuou no Sindicato dos Bancários de Belo Horizonte e no movimento estudantil, nos anos iniciais da década de 60 do século XX. Foi militante da VPR, e participou ativamente da luta armada contra o golpe militar.

No fundo DOPS/MG, documentos evidenciam a presença de mulheres resistentes ao golpe, que foram presas e/ou não, tais como Maria Celeste Reis, bancária, residente na Avenida Augusto de Lima, 46, Centro, estudante de direito, que em 3 de junho de 1964 foi detida em manifestação e encaminhada ao asilo “Dom Pastor”, sendo libertada somente em 25 de julho do mesmo ano³¹. Algumas não precisaram nem se manifestar em público para serem detidas, o simples fato de terem seus nomes contidos na lista de 20 assinaturas em papel timbrado pelo Partido Comunista Brasileiro, foi suficiente para levarem as mesmas ao cárcere³².

Do mesmo modo, observa-se que muitas mulheres ficaram presas na penitenciária feminina de Belo Horizonte, como forma de ação preventiva por terem ligação com instituições de esquerda³³. Grande parte das prisões ocorreram logo após o golpe, pois os

³⁰ Disponível em: <http://www.torturanuncamais-rj.org.br> Data de acesso: 9 de nov. 2011.

³¹ Informação contida em: Pasta 0908 (arquivo DOPS/MG). Abril de 1964 a 1974. Imagem: 3. In: APM (Arquivo Público Mineiro). Belo Horizonte.MG.

³² Este é o caso de Conceição de Oliveira Campos, Gizelda Coelho e Maria Fernandes da Silva, detidas por terem seus nomes nesta lista. Informação contida em : Antecedentes Sociais. Pasta 0240 (Arquivo DOPS/MG). Rolo 01. 16 de nov.1964. Imagem: 11. In: APM (Arquivo Público Mineiro). Belo Horizonte.MG.

³³ Heridia Gomes, Maria Celeste Reis, Vania Candida de Almeida Santayanna, Maria de Lourdes Araújo Viana e Maria Ladeira Aragão que era estudante de ciências sociais da Universidade Federal de Minas Gerais, presa por pertencer à ação clandestina denominada Ação Popular. Informações contidas em: Presos políticos durante a Revolução de 64 – inquérito de atividades subversivas. Pasta 5291. 06 de jul.1964.Imagem: 19 e Pasta 0342 (Arquivo DOPS/MG). Rolo 016. Março de 64 à novembro de 75. Imagem: 11. In: APM (Arquivo Público Mineiro). Belo Horizonte.MG.

militares necessitavam efetivar seu regime e tais ações subversivas colocavam em risco a permanência e estabilidade da forma de governo vigente.

Ainda na documentação oficial do DOPS/MG, encontra-se o relatório das ações das ligas femininas de Belo Horizonte³⁴, ligadas essencialmente à AP, JUC, POLOP e ao PC do B, que atuavam diretamente nas favelas da cidade, no intuito de realizar ações de cunho social. Havia as mulheres do PCB, que dentro da própria resolução política do partido³⁵, eram responsáveis pelo apoio às crianças, pela luta contra a carestia e em favor da igualdade de direitos e da melhoria nas condições de vida nos bairros.

Conforme verificado, as mesmas atuavam nas favelas: Vila João XXIII, Padre Lage, Padre Alípio de Melo e na Vila Operário-Estudantil (esta possuía aproximadamente 50 sócias e cada uma tinha sua função³⁶). Eram, em sua maioria, estudantes universitárias, que, além do trabalho social, levavam suas opiniões políticas aos residentes das vilas, prática do MEB, que visava um ensino politizado. Realizavam reuniões a fim de identificar os problemas das comunidades e elaboravam meios de auxiliar os habitantes³⁷. Com essas ações humanistas, conseguiam subir o “morro” para levar panfletos e carros de som de movimentos sindicais, pois acreditavam que os moradores destes espaços não deveriam ser somente espectadores, mas atores conscientes³⁸.

Neste sentido, observa-se também, o caso de Ziláh Souza Spósito (1928-1992), militante da Ação Católica que no ano de 1964, tinha o cuidado com os menores das vilas e

³⁴ Cita-se Maria Leão Carvalho, inspetora de educação do ensino primário, que fazia distribuição nas escolas de boletins folhetos e gravações das reuniões das organizações. Patrícia Pinto Carvalho, estudante de Jornalismo, ligada a AP, no setor de favelas, sua maior função era descobrir necessitados e ajuda-los. Angelina Dutra, intimada a depor por ser secretária da Liga Feminina de Minas Gerais, que desenvolvia um trabalho direcionado ao cuidado de crianças e senhoras. Informação contida em: Favelas. Pasta 3932. Rolo 49. Março de 64. Imagem: 76 a 84. In: APM (Arquivo Público Mineiro). Belo Horizonte.MG.

³⁵ TAVARES, Betzaida Mata Machado. *Mulheres comunistas: representação e atuação feminina no PCB (1945-1979)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais. 2003.

³⁶ Segundo depoimento de Maria Conceição Moura Silva, as reuniões da Liga Feminina, que atuava na Vila Operário- Estudantil, eram presididas pela mesma que recolhia uma pequena quantia em dinheiro das sócias para o apoio aos necessitados, realizava as reuniões em sua casa, e direcionava as funções de cada uma, sendo auxiliadora ou agitadora de ideais políticos. Informação contida em: Pasta 0932.p. 131. In: APM (Arquivo Público Mineiro). Belo Horizonte.MG.

³⁷ Informação contida em: Pasta 0121. Rolo 11. Março de 64. In: APM (Arquivo Público Mineiro). Belo Horizonte.MG.

³⁸ Dados do relatório de apuração policial – apreensão de material subversivo da AP-MG. Informação contida em: Pasta 4152. Rolo 55. Março de 64. In: APM (Arquivo Público Mineiro). Belo Horizonte.MG.

que lutou por reformas habitacionais dos residentes da Vila do Vilarinho em Belo Horizonte³⁹. Havia também, as mulheres pertencentes aos movimentos estudantis, Diretórios Acadêmicos, Centros Populares de Cultura (CPC) e neste lutavam por reformas educacionais nas universidades e maior apoio à cultura⁴⁰.

Diante disso, observa-se que as mulheres de Belo Horizonte desempenharam papel fundamental na luta pelas Reformas de Base, e, posteriormente ao golpe de 1964, enfrentando o governo estabelecido. Observa-se ainda, que esse ano ocasionou muitas mudanças no modo de viver das mulheres belorizontinas, fazendo com que muitas delas saíssem do espaço-lugar que lhes era imposto, indo à luta, mesmo sabendo que tal engajamento poderia resultar (e resultou) em clandestinidade, prisão e tortura.

Considerações finais

É possível perceber a dicotomia de pensamento existente nas habitantes de Belo Horizonte, no sentido de que, estando em um estado conservador, existiram mulheres que romperam com essa concepção e mulheres que mantiveram essa visão. Entende-se que não foram apenas os movimentos femininos de esquerda que foram à luta, militando em organizações e agitando passeatas, as muitas senhoras e moças que eram contra o comunismo também defenderam uma causa política nas suas “marchas” e manifestações.

De acordo com análises feitas a partir das fontes encontradas nos arquivos e nas produções acadêmicas, viu-se que a universidade neste período era um campo de agitações em favor do comunismo, diferente do lar das donas de casa que defendiam a direita conservadora. Do mesmo modo, entende-se que a LIMDE, apesar de ter alcançado boa parte da população mineira e ter sido vitoriosa com o golpe, não conseguiu disseminar suas ideias no espaço universitário e na vida de muitos indivíduos.

³⁹ Ziláh Spósito, irmã do cartunista Henfil, e do sociólogo Betinho, lutou ativamente pela regulamentação e melhora na condição de vida da Vila do Vilarinho. Sua vitória só alcançou êxito em 1993. ROSA, Maria Lauro Abreu. *O Zilab é logo ali, o Zilab é bem aqui*. Escola Estadual Danile Alvarenga, 2010. Acervo APCBH. Fundo Municipal de Educação.

⁴⁰ Angelina Resende participou da mobilização de reformas universitárias em 25 de fevereiro de 1964. Segundo depoimento da mesma muitas mulheres estavam presentes nas reuniões do setor universitário municipal de Belo Horizonte. Informação contida em: Favelas. Pasta 3932. Rolo 49. Março de 64. Imagem: 76 a 84. In: APM (Arquivo Público Mineiro). Belo Horizonte.MG. Maria Adalgisa Vieira do Rosário foi eleita diretora do CPC da cidade, Maria Beatriz Andrade era secretária, Maria Dativa Sales dirigia o setor de alfabetização, entre outras. Informação contida em: Pasta 0223. Rolo 16. Julho de 63 - Março de 64. Imagem: 93. In: APM (Arquivo Público Mineiro). Belo Horizonte.MG.

Conclui-se que a Igreja Católica apoiou diversas juntas de esquerda, e apesar disso, o maior incentivo das militantes de direita era a manutenção “divina e eucarística” da ordem e da família, pois a Igreja também apoiava o pensamento conservador.

Outro elemento que causa inquietação é o fato das relações de poder político-ideológico-cultural serem determinantes no resultado dos movimentos femininos de Belo Horizonte. Esta discussão ocorre em razão da percepção de que na Liga da Mulher Democrata, as atitudes femininas eram determinadas pelos homens; eles estavam por trás das ações que as mesmas praticavam. Estas questões levam a crer que a submissão a qual estavam sujeitas foi determinante para seu fim. Pois, sabendo que o IPES-MG articulou a criação da LIMDE somente para fortalecer suas ações conspiratórias e legitimar o novo regime instaurado em 1964, sua permanência por muito tempo não faria sentido, visto que o regime militar já estava bem estabelecido no mesmo ano.

No PCB a situação foi diferente, conforme citou a historiadora Betzaida Tavares (2003)⁴¹. Logo após o golpe, o partido passou a valorizar o trabalho das mulheres:

É grande a capacidade de acção política das mulheres. Sua mobilização muito contribuirá para o reforçamento da luta contra a ditadura. É necessário, com esse fim, organizá-las, sob diversas formas, para a luta por suas reivindicações próprias, contra as discriminações sociais e jurídicas, que as colocam em situação de inferioridade na vida brasileira, pela igualdade de direitos da mulher trabalhadora, pela protecção à maternidade e à infância. Também por meio da luta contra a carestia de vida, pela solidariedade aos presos e perseguidos políticos, elas poderão dar importante contribuição democrática.⁴²

Neste sentido entende-se que nos movimentos de contestação a atuação da mulher se fortaleceu, tornando-se o momento em que algumas pegaram em armas e foram para as guerrilhas. Além de irem para a luta armada, se filiaram a outras organizações, surgidas principalmente a partir de 1966, onde se rebelaram contra a falta de liberdade imposta pelo

⁴¹ TAVARES, Betzaida Mata Machado. *Mulheres comunistas: representação e atuação feminina no PCB (1945-1979)*. 151 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em História, Belo Horizonte, 2003, p. 55.

⁴² Documento do VI Congresso do Partido Comunista Brasileiro. Informe de balanço do Comitê Central – Dezembro de 1967. _____. *Mulheres comunistas: representação e atuação feminina no PCB (1945-1979)*. p. 56.

governo, passaram a viver na clandestinamente, foram presas, sobrevivendo a duras ações dos militares.

Diante dessa dicotomia, é necessário que não se valorize a ação de um sujeito em detrimento de outro. Nesse sentido, há que se ter cautela, para que não se deixe de apresentar as múltiplas atuações das mulheres nesse período da história do Brasil.

Outra questão relevante de se problematizar é a posição econômica destas mulheres. Nos movimentos direitistas as militantes pertenciam essencialmente a classe alta dominante na cidade, possuindo situação financeira bastante estável. Segundo Starling (1986):

De fato, nas entrevistas realizadas com essas mulheres, o que mais impressionou à primeira vista foi o fato de serem mulheres tranquilas, discretas, delicadas e quase sempre muito elegantes – o último tipo de pessoa que se imaginaria encontrar como promotora e participante de manifestações de rua que, no pré-64 invariavelmente degeneravam em tumulto⁴³.

Já nos movimentos esquerdistas, apesar de também se ter a presença de pessoas da classe média (como os estudantes), verifica-se a existência de mulheres do campo, operárias e domésticas, que lutavam pelas reformas de base, porque também precisavam que elas ocorressem.

Além destas questões, é imprescindível compreender a situação da mulher como agente social. As ações filantrópicas faziam parte tanto dos organismos de direita, que possuíam no organograma da instituição, políticas públicas destinadas à saúde, educação e catequese. Do mesmo modo que nos de esquerda, com demandas que eram causa social da organização, como as juntas católicas e a Ação Popular, que levavam ações humanistas e sociais nas favelas de Belo Horizonte.

Durante a investigação, percebeu-se que Belo Horizonte foi campo de agitações que modificaram a cena política e cultural, com a presença de mulheres que romperam com as “regras” de gênero de sua época, com a ordem política e legal que estava em vigor, ainda que em meio às mulheres que acreditavam que “vermelho bom, só no batom”⁴⁴.

⁴³ STARLING, Heloisa Maria Murgel. *Os senhores das gerais: os novos inconfidentes e o golpe de 1964*, p. 178.

⁴⁴ Frase de faixas que as mulheres conservadoras carregavam nas “Marchas da Família com Deus pela Liberdade”. _____. *Os senhores das gerais: os novos inconfidentes e o golpe de 1964*, p. 178.

Ao findar essa discussão, entende-se que a trajetória das senhoras e jovens de 1964, ao lutarem por seus ideais em organismos de esquerda ou direita, subverteram papéis tradicionais de gênero ou os mantiveram, influenciando o imaginário feminino existente até a atualidade.

A partir do entendimento desses dois caminhos traçados, é possível entendê-las como sujeito político e cultural da história contemporânea do Brasil, pois as mesmas aturam efetivamente para transpor os limites do espaço privado para o público. Considera-se que a atuação das belorizontinas, dentro da cultura política inerente a cada uma, foi responsável por acontecimentos e transformações em Belo Horizonte, em Minas Gerais, e por consequência, no Brasil.

Recebido em: 08/12/2013

Aprovado em: 04/02/2014